

Comida, migrações e imaginários urbanos em cidades globais¹

Carla Pires Vieira da Rocha*

Carmen Sílvia Rial**

Resumo

O texto explora a comida na constituição de imaginários urbanos a partir de imigrantes em cidades globais, levando em conta o caso da cidade de Amsterdã (Países Baixos), e é fio condutor do período atual da globalização e correlativa intensificação de diferentes fluxos. Ressalta a heterogeneidade das migrações contemporâneas e mostra como o cosmopolitismo, visto sobretudo a partir de uma dinâmica de diversidade cultural, torna-se um conceito fundamental para compreender como vêm se constituindo determinados imaginários urbanos, em especial aqueles associados à comida.

Palavras-chave

Comida. Migrações internacionais. Imaginários urbanos.

Abstract

The text explores the food in the conformation of urban imaginaries from immigrants in global cities, considering the case of the city of Amsterdam (Netherlands) and the current period of globalization and correlative intensification of different flows as the guiding thread. It highlights the heterogeneity of contemporary migrations and shows how cosmopolitanism, seen mostly from a dynamic of cultural diversity, becomes a fundamental concept to understand how certain urban imaginaries have been constituted, especially those associated with food.

Keywords

Food. International Immigrations. Urban Imaginaries.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil, no âmbito do Programa Capes/ NUFFIC.

* Carla Pires Vieira da Rocha é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Ciências Humanas (UFSC). *E-mail*: carlapvrocha@gmail.com.

** Carmen Sílvia Rial é professora dos programas de Antropologia e de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Antropologia. *E-mail*: rial@cfh.ufsc.br.

Introdução

“Todas as sociedades viveram no e pelo imaginário. Digamos que todo real seria 'alucinado' (objeto de alucinações para indivíduos e grupos) se não fosse simbolizado, isto é, coletivamente representado.”

Marc Augé

Na época atual, ao observarmos a relação entre comida e imigração, o papel dos imaginários urbanos assume cada vez mais relevância. À medida que os processos relativos à globalização vêm se materializando nos centros urbanos, configurando as denominadas *ciudades globais* (SASSEN, 1998, 2010), distintos imaginários são constituídos, articulando-se, inclusive, aos projetos migratórios de imigrantes. Um exemplo desse panorama é o que ocorre com imigrantes transnacionais em Amsterdã. Mas assim como as motivações para migrar são diversas, os imaginários urbanos também são múltiplos. Ao analisarmos o quadro de Amsterdã e imigrações com grande ênfase em aspectos culturais, conjuntamente a noções de cosmopolitismo, a comida aparece como um elemento expressivo para se compreender como vêm se configurando tais imaginários nesse contexto.

O presente texto baseia-se em uma pesquisa etnográfica realizada com imigrantes de variadas nacionalidades na cidade de Amsterdã (Países Baixos), entre abril de 2015 e março de 2016, cujo foco foi voltado para compreender como o período atual da globalização vem ressoando na constituição de estilos de vida, imaginários e práticas cotidianas de imigrantes transnacionais nessa cidade, com proeminência aquelas relativas à alimentação. A pesquisa evidenciou que determinados imaginários urbanos não apenas ganham relevância para compreender a heterogeneidade das migrações contemporâneas como também a constituição de certas práticas relativas à alimentação, conforme será abordado ao longo do texto².

² A pesquisa incluiu vinte e três entrevistas com homens e mulheres de idades entre 21 e 54 anos, provenientes de camadas médias em seus países de origem. Esses países compreendiam Brasil, Jamaica, França, Suíça, Alemanha, Costa do Marfim, Espanha, Curaçao, Itália, Venezuela, Portugal, Rússia e Áustria. O período de permanência desses indivíduos na cidade, à data da entrevista, variava de dois meses a vinte e sete anos. A pesquisa resultou na tese de doutorado intitulada *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178589>.

1. Imigrantes em Amsterdã: imaginários urbanos em uma cidade global

As migrações internacionais têm sido impulsionadas por distintas motivações. O enfoque nos imaginários urbanos contribui para a compreensão do que vem constituindo tais mobilidades e, em especial, ao considerarmos os significados da desterritorialização aí envolvidos. Como chama a atenção Canclini³, os imaginários aparecem como um componente necessário, tornando-se importantes para estabelecer relações tanto de localização quanto de deslocalização dos sujeitos, consistindo ainda não apenas como representação simbólica do que ocorre, mas também como um lugar de elaboração de insatisfações e desejos.

Canclini (2010) também observa que os imaginários nutriram toda a história do urbano. Defendendo ponto de vista complementar e fundamental para nossa abordagem, Linder e Meissner (2019) argumentam que os imaginários urbanos formam parte de nossas vidas diárias e estão em todos os lugares, abrangendo turismo, marcas (rótulos) atribuídos a uma cidade, arte, arquitetura, planejamento, policiamento, velhas e novas mídias, entre diversas possibilidades a serem destacadas. Nessa mesma ótica, Linder e Meissner (2019), reportando ao pensamento de autores que no século 20 fundamentaram a teoria crítica sobre espaço e urbanismo, como Georg Simmel, Walter Benjamin, Kevin Lynch, Michel de Certeau, Henri Lefebvre e Edward Soja (embora com diferentes perspectivas epistemológicas), defendem que os imaginários urbanos desempenham um papel igualmente definidor para o espaço da cidade, ao mesmo tempo que interligam estruturas e signos, mentes e corpos, fatos e subjetividades, realidades e virtualidades. Podemos ainda aludir ao pensamento de Edward Soja (2010) e sua definição de *imaginários urbanos*, no sentido de que tais imaginários estão sempre em transição, refletindo transformações nos campos interconectados da cultura, política, economia, natureza e tecnologia. Segundo esse autor, os imaginários urbanos são "os mapeamentos mentais ou cognitivos da realidade urbana e as grades interpretativas através das quais pensamos, experimentamos, avaliamos e decidimos agir nos lugares,

³ Entrevista realizada por Alicia Lindón, Diálogo con Néstor García Canclini ¿Qué son los imaginarios y cómo actúan en la ciudad? 23 de febrero de 2007, Ciudad de México. Revista eure. v. XXXIII, n. 99, p. 89-99, Santiago de Chile, 2007.

espaços e comunidades em que vivemos" (SOJA, 2000: 324 apud LINDER; MEISSENER, 2019).

Algumas cidades ao redor do mundo vêm concentrando uma quantidade expressiva de imigrantes e igualmente uma diversificação nesse sentido. É o caso, sobretudo, daqueles centros urbanos que se enquadram na definição de *cidades globais*, uma vez que materializam com maior relevo os processos relacionados à globalização em curso. Dentre essas cidades, destacamos o caso de Amsterdã.

Conforme sinalizam Çinar e Bener (2007), a apreensão de uma cidade passa por compreender as formas pelas quais os limites que configuram as cidades são produzidos, disseminados, institucionalizados, contestados e negociados em várias situações da vida urbana diária que constituem e reproduzem continuamente a imaginação coletiva. Ao buscarmos compreender o que faz de Amsterdã um destino migratório a partir de imigrantes que ali chegaram há vinte cinco anos ou então em datas mais recentes, indubitavelmente entram em cena perspectivas diversas com relação à cidade. Tais perspectivas são também filtradas pelas histórias de vida desses indivíduos que englobam a realidade de seus países de origem, principalmente no período de emigração. Entretanto, por mais filtradas que devam ser as percepções da cidade em virtude da realidade anterior de cada um desses indivíduos e não obstante esse centro urbano estar imerso em uma dinâmica de mudanças resultantes da globalização vigente, sua configuração nutre alguns imaginários reiterados continuamente, mesmo diante de mudanças emergentes, como será abordado mais adiante. Tais imaginários também colaboram para que indivíduos alimentem expectativas em torno de seus projetos de vida nesse centro urbano, em especial, para aqueles cuja mobilidade tem forte ênfase em aspectos culturais.

Amsterdã é a cidade mais populosa dos Países Baixos e é considerada uma porta de entrada de imigrantes das mais diversas proveniências desde longa data. De acordo com dados oficiais, computando imigrantes de primeira e segunda geração, cerca de 178 nacionalidades estariam ali representadas⁴. Dados estatísticos municipais de 2014 revelam que o total dessas populações (411.092)⁵ chega a ser superior ao número de holandeses

⁴ *My first month: all you need to know and note*. Expatcenter Amsterdam, 11 ed. Jan, 2015.

⁵ A composição étnica da cidade em 2012 era de 49,5% neerlandeses e 50,5% estrangeiros. Pessoas de origem não europeia constituíam ao todo 34,9% da população e 52,6% de pessoas menores de 18 anos de idade.

(400.093)⁶. Devido à imigração em larga escala proveniente, principalmente, de Suriname, Marrocos e Turquia, há uma estimativa de que em poucos anos pessoas de origem não europeia se tornarão o grupo étnico dominante na cidade⁷. Mais recentemente, além de estarem se diversificando as regiões de origem dos imigrantes nessa capital, ancoradas no transnacionalismo, as imigrações têm agora um alcance mais global, como nunca visto anteriormente (CASTLES; MILLER, 1993).

A capital holandesa é também considerada um dos principais centros financeiros da Europa, polo importante de globalização da economia. Enquanto *cidade global*, essa capital está alinhada a um campo de cidades que se tornaram mais facilmente acessíveis por meio das finanças (dinheiro), comunicações (viagens) e informação (radiodifusão, publicações, mídia). Nas palavras de Sassen (2010), o caráter internacional das cidades globais não está associado apenas à sua infraestrutura de telecomunicações ou empresas internacionais, mas ainda aos muitos ambientes culturais onde seus trabalhadores circulam. A exemplo de outros centros urbanos intensamente marcados pelos processos globais, essa é uma capital onde se cruzam muitos turistas, imigrantes, estudantes e valores diversos.

Nas narrativas construídas sobre Amsterdã, históricas ou contemporâneas, tanto a partir de seus órgãos oficiais quanto as dos atores sociais, e aqui focalizamos nos sujeitos dessa pesquisa, ganha proeminência a que a inscreve como cidade cosmopolita, sobretudo pela mistura de diferenças, em que pessoas, mercadorias, ideias e culturas do mundo todo se encontram e interagem. Tal contexto dá razão a uma multiplicidade de imaginários. Entretanto, como nos recorda Canclini (ibid.), quando se trata de imaginários urbanos, não é importante apenas o que define uma cidade, mas também como os indivíduos se situam com relação às várias cidades que podem estar contidas sob o mesmo nome, já que cada habitante fragmenta e conjectura sobre o que não vê, sobre o que desconhece, evidenciando ainda que não há saberes totalizadores ou formas absolutas nesse sentido. Conforme sinalizado, em meio às motivações que levaram esses sujeitos a direcionarem seus projetos migratórios para Amsterdã, avultam certas imagens/narrativas relacionadas à cidade. Nos relatos, "aberta", "multicultural" e "tolerante" são termos correntemente associados

⁶ Disponível em: <http://www.ois.Amsterdã.nl/english/> Acesso em: jul. 2016.

⁷ As populações com número mais vultoso na cidade são marroquinos (73.311), surinameses (67.490) e turcos (42.211).

a essa capital⁸. Nas entrevistas ou conversas informais com imigrantes, e inclusive com mais de um indivíduo nascido na Holanda, não foi raro haver narrativas fazendo distinção bastante contundente entre essa capital e as demais cidades do país, avaliadas como de população mais conservadora, acima de tudo, no que diz respeito a noções de "liberdade". Mas a metrópole ainda se constrói a partir de uma série de características importantes de serem levadas em conta, no intuito de contornar como se constituem imaginários relativos a essa cidade, transformando-a em um destino migratório significativo dentro do continente europeu e mesmo em uma perspectiva mais global. Como ressalta Canclini (ibid.), uma cidade é sempre heterogênea e isso decorre, entre outras razões, dos muitos imaginários que a habitam.

A noção de tolerância também constitui muitas narrativas sobre o país, mais particularmente a capital, e acompanha a sua trajetória histórica⁹. Tal narrativa associada à cidade é constantemente reafirmada em panfletos turísticos, na fala de diversos imigrantes e principalmente a partir dos discursos oficiais¹⁰. Cabe citar o *website* e materiais impressos do governo ou mesmo algumas instituições, como o museu histórico da cidade, onde se pode constatar as referidas narrativas em tópicos presentes em sua exposição permanente. Na época atual, as narrativas constituídas a partir da noção de tolerância social são sobretudo associadas às políticas migratórias e também à política liberal do país com relação à homossexualidade, drogas, prostituição, eutanásia e aborto¹¹.

⁸ A referida tolerância associada à Amsterdã reporta a raízes bem mais antigas. Entre alguns fatores que têm contribuído para perpetuar imaginários nesse sentido, destaca-se o fato de o país ser o primeiro a legalizar a eutanásia (2001) e o casamento entre pessoas do mesmo sexo (2001), o fato de o aborto ser considerado uma prática igualmente legal, custeado pelo governo independentemente da razão envolvida, e também a legalização da prostituição e das drogas consideradas leves (haxixe e maconha).

⁹ No passado, Amsterdã já atraía imigrantes, entre os quais muitos judeus e protestantes que buscavam refúgio, após serem perseguidos em seus próprios países. Além disso, conforme o material impresso referido, a qualidade de tolerância reporta a raízes bem mais antigas e deve-se também ao fato de que a construção de relações com indivíduos de outros contextos culturais sempre foi vista e valorizada pelos Amsterdammers (cidadãos de Amsterdã) como uma forma de ampliar as possibilidades de trocas, o que incluía facilitar o comércio e promover o avanço econômico. Com relação a esse aspecto, vale lembrar que desde o período das primeiras explorações europeias, as rotas de comércio, também funcionavam como redes internacionais de comunicação, baseadas não somente em trocas comerciais, mas também culturais.

¹⁰ Ver em: <http://www.iamsterdam.com/en/visiting/about-amsterdam>.

¹¹ O país é o primeiro a legalizar a eutanásia (2001) e o casamento entre pessoas do mesmo sexo

A ideia de *capital da liberdade* também dá razão a narrativas sobre Amsterdã expressas em particular a partir de seus órgãos oficiais. Exemplo disso é o *Red Light District* (distrito da luz vermelha) – bairro que centraliza a prostituição legalizada e também o comércio e atividades em torno do tema (*sex shops*, cinema, casas de shows eróticos e também o museu do sexo). A tolerância por parte do governo ao consumo e comércio de drogas leves, ainda sob condições restritas, é outro exemplo. Há cerca de 400 *coffe shops* dispersos pelos diferentes bairros da cidade. No que se refere às narrativas sobre a cidade a partir de seus órgãos oficiais, essas ainda giram em torno da alta qualidade de vida atribuída àquele contexto. Contribuem para esse quadro vários fatores, como uma área urbana com mais de quarenta parques, vasta oferta de programação cultural, a referência positiva de suas universidades, baixas taxas de desemprego com relação a outras capitais do mesmo continente, uma cultura do ciclismo como meio de transporte e vinculada diretamente à noção de estilo de vida saudável e ainda significativos investimentos na área ambiental, visando à reputação de capital mais sustentável da Europa.

No que se refere às narrativas constituídas a partir dos sujeitos da pesquisa, essas também apontam Amsterdã como um local privilegiado para se viver, em especial na conjuntura vigente, em que a discrepância de condições entre diferentes partes do mundo reflete faces do período atual da globalização, como as que incidem, inclusive, no desencadeamento de certas modalidades de movimentos migratórios. Atribuindo também os padrões globais de imigração ao impacto desigual da globalização, Price e Benton-Short (2008) argumentam que, ao invés de uma superfície plana, a globalização teria produzido dezenas de planaltos e regiões-pico, sendo as cidades globais vistas como refletoras da disparidade e desigualdade da globalização. Nessa imagem, as cidades globais estariam acima dos terrenos circunvizinhos, nos picos mais altos, atuando como centros de comando e controle da economia global, ligadas umas às outras pelos fluxos de capital, tecnologia, informação e comércio. Em consequência de tal modelo, essas cidades se tornariam um ponto de atração para imigrantes, sobretudo para aqueles à procura de emprego, oportunidades e serviços.

Embora imaginários associados a Amsterdã, como os referidos, vão ao encontro de expectativas nutridas por muitos imigrantes que buscam a

(2001). Com relação ao aborto, além de ser uma prática igualmente legal, o governo custeia as respectivas despesas, independentemente da motivação envolvida.

cidade como destino, podendo ser enquadradas como favoráveis aos planos desses sujeitos, mudanças de ordem mais ampla vêm afetando esse contexto. A Holanda é um dos países integrantes da União Europeia e, como resultado das regras impostas paulatinamente pela comunidade, o país sofreu uma série de mudanças que se refletiram em sua capital, muitas das quais são percebidas de maneira pouco positiva por imigrantes, em particular, pelos que estão há mais de dez anos residindo na capital. Na percepção desses indivíduos, essas mudanças vêm sendo mais significativas nos últimos anos e têm incidido em redimensionamentos diversos, abarcando os planos econômico, social, político e cultural. Inevitavelmente, esse novo cenário trouxe implicações que ressoaram em seus estilos de vida e também em certos imaginários relativos à cidade, conforme pode ser identificados nos seguintes relatos:

Há 25 anos atrás, Amsterdã era socialmente alternativa, era uma cidade muito social, onde se podia viver e deixar viver. Havia os hippies que queriam estar debaixo do sol no Vondelpark. Agora não tem nada a ver com isso. Imagina encontrar uma pessoa toda nua no Vondelpark? Mudou também porque, antes, o que ganhava era o partido social. O governo que está agora é um governo de direita - a Holanda agora é muito mais capitalista. A mudança socioeconômica e política mudou muitíssimo e o país tem mudado nos últimos cinco anos também por causa do terrorismo, com a forma de radicalização de muitas das religiões. Mudou e a gente já não se sente mais tão cômoda e segura como antes. Se és homossexual na rua já não te sentes tão seguro, tem havido uma série de maus-tratos que os homossexuais no país têm tido que suportar, muito mais que antes. As gerações novas que estão aqui não sabem como era antes, era muito melhor; para eles, era muito melhor, muito mais aceitável. E a quantidade de imigrantes que não puderam se integrar a uma sociedade liberal, como a sociedade holandesa, porque não tiveram este ajuste, vieram com a mentalidade conservadora e a religião. Antes, havia mais aceitação para outro tipo de cultura. A questão é quando começaram com a introdução do euro e a Holanda começou a pertencer à comunidade europeia. A pressão política internacional que lhe deram foi muito forte com as drogas, por exemplo. A Holanda teve que começar a fechar as portas e eliminar *coffe shops*¹². Eras prostituta, podias vender-te na rua atrás de uma

¹² Estabelecimentos de venda e consumo de drogas leves (maconha e haxixe) de maneira legalizada.

janela, eras tua própria chefe. Se quisesse fumar tua maconha no parque, fumavas no parque, desde que não perturbasses as pessoas, que o problema fosse teu e não dos outros. Não tinha aquele problema de drogas, não havia a quantidade de *junkees* (viciados em drogas) que se via na Alemanha, por exemplo. Agora se vê uma quantidade de armas que estão conseguindo, antes não se via. Eu gostava mais como era antes, era melhor que agora. (Marisa, imigrante da Venezuela, 45 anos, há 25 anos em Amsterdã).

Antes, havia tudo e tudo era fácil. Tudo, significa dizer viver tranquilo, sem problemas. Se não tens trabalho podes comprar coisas, te dão dinheiro, te dão isso, aquilo. Mas quando trocou o milênio e os florins para euro, a vida se tornou muito difícil. Antes eu ganhava 2000 florins e podia economizar, comprar um carro e muitas coisas. Mas, no momento, 1700 euros, é dizer que são quase 3000 florins. Hoje, isso é nada. (Pablo, imigrante da Espanha, 40 anos, há 26 anos em Amsterdã).

Mas, apesar das modificações apontadas com relação à Amsterdã, diversos indivíduos ainda a consideram um local, em muitos aspectos, diferenciado positivamente para estabelecer seus projetos de vida¹³. Tal diferenciação possivelmente justifique os contínuos deslocamentos para essa capital. Embora esses não sejam um fato novo, como já foi acenado, tem havido uma certa mudança na receptividade a imigrantes nesse contexto, em ação alinhada com o quadro de políticas migratórias mais rígidas no qual muitos países do continente europeu vêm se inscrevendo, em especial, a partir dos ataques terroristas enfrentados nos últimos anos¹⁴.

¹³ O que a noção de projeto procura é dar conta da *margem seletiva de escolha* que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Por outro lado, procura ver a *escolha individual* não mais apenas como uma categoria residual da explicação sociológica, mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade. Visa também focalizar os aspectos dinâmicos da cultura, preocupando-se com a *produção cultural*, enquanto expressão de atualização de *códigos* em permanente mudança. Ou seja, os símbolos e os códigos não são apenas *usados*, são também *transformados e reinventados*, com novas combinações e significados. Entendo projeto como Schutz o definiu - *conduta organizada para atingir fins específicos* (Schutz, 1971). O sujeito da ação pode ser um indivíduo, um grupo ou uma categoria social. Chama-se a atenção para a importância da *dimensão consciente da ação* em que o sujeito se organiza para a realização de projetos definidos. (VELHO, 2003, p. 107; *grifos do autor*)

¹⁴ Sobretudo no período posterior ao atentado às torres gêmeas em Nova York (EUA), no ano de 2001, as políticas migratórias na Holanda começaram a sofrer modificações paulatinas. Os dois ataques terroristas em Paris no ano de 2015 (o primeiro na sede do jornal Charles Hebdo e o segundo, em diferentes locais da cidade simultaneamente) e os demais em Bruxelas, Istambul, Nice e Berlim, em 2016, vêm colaborando para acirrar as referidas modificações.

Como foi evidenciado, os imaginários urbanos também perfazem os deslocamentos humanos. Na conjuntura atual, as migrações têm sido provocadas por questões sociais, ambientais, políticas, econômicas e também têm sido concebidas como possibilidade de se vivenciar e explorar aspectos culturais relacionados ao país de destino. Tal panorama reflete o caráter cada vez mais heterogêneo desses movimentos e também que a imigração consiste em um processo não necessariamente negativo e dramático, mas como possibilidade de se construir novas subjetividades (VAILATI; RIAL, 2016). Em cidades como Amsterdã, cujos traços vêm sendo cada vez mais demarcados pelos processos relativos à globalização, emergem imaginários urbanos diversos. Dentre esses imaginários, os relativos à comida e cosmopolitismos a ela associados são significativos para compreender como a comida é um aspecto central nos processos migratórios pela persistência de padrões alimentares tanto quanto pela introdução de novos itens na paisagem local e também como vêm se constituindo imaginários urbanos em cidades globais, como será abordado a seguir.

2. Paisagem alimentar, imigrações e imaginários cosmopolitas em Amsterdã

Assim como os movimentos humanos têm sido potencializados alterando significativamente o *ethnoscape* global, vem ocorrendo uma intensificação dos fluxos de mercadorias e, conseqüentemente, o redimensionando de inúmeras paisagens alimentares ao redor do planeta¹⁵. Ao serem

Durante várias décadas, os holandeses abraçaram o multiculturalismo e a tolerância étnica com bastante afínco. No entanto, nos últimos anos, o multiculturalismo relacionado às políticas migratórias vem dando lugar a uma abordagem integracionista mais rigorosa (NELL; RATH, 2009). Essa nova abordagem alinha-se com as vigentes em outros países da Europa e mesmo com os Estados Unidos, onde vem se evidenciando o estreitamento cada vez mais progressivo das suas fronteiras geográficas, no que se refere à acolhida de imigrantes. Na Europa, a situação também vem sendo agravada com a problemática associada à crise dos refugiados antes referida. Portanto, no contexto atual, ao mesmo tempo em que se intensificam os movimentos humanos impulsionados por dinâmicas associadas à globalização, em resposta, nacionalismos e xenofobia, baseados em noções de identidade e segurança nacional, atuam como o outro lado da moeda, configurando uma problemática crescente em torno das migrações internacionais contemporâneas que não se resumem ao continente europeu.

¹⁵ Fazemos referência à noção de Appadurai (1990), quando sinaliza um caminho para se compreender a globalização em suas dimensões culturais apontando uma tensão entre homogeneização e heterogeneização. O autor defende que a nova economia cultural global tem de ser pensada como uma ordem complexa, repleta de justaposições e relacionada a certas deslocamentos fundamentais entre a economia, a cultura e a política. Propõe assim explorar tais

consideradas sobretudo as últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, a intensificação desses fluxos têm colocado novos parâmetros para se pensar a alimentação, sobretudo em contextos urbanos. É sabido que o fenômeno alimentar não se resume ao caráter biológico, abarcando aspectos de ordem cultural, econômica, ambiental, psicológica, ética. Do mesmo modo, a desterritorialização de artigos alimentares não significa apenas um reordenamento de paisagens alimentares, incidindo ainda na reconfiguração de dietas, na ressignificação de muitos alimentos e na constituição de imaginários.

A maior circulação de itens alimentares está cada vez menos atrelada aos movimentos humanos. À medida que imaginários globais relacionados à comida ganham maior disseminação, em particular através do *mediascape*, evidencia-se uma amplitude no desenvolvimento de paladares cosmopolitas nos mais distintos contextos¹⁶. Ao direcionarmos o olhar para Amsterdã, o enfoque na diversidade de imigrantes naquele contexto é um fator também determinante para se refletir sobre a sua paisagem alimentar e, conseqüentemente, em como a configuração dessa paisagem ressoa não apenas nas práticas relacionadas à alimentação de imigrantes transnacionais a partir daquele contexto, como também na constituição de imaginários urbanos relacionados à comida, sobretudo aqueles de viés cosmopolita.

Assim como outras capitais marcadas por forte afluxo migratório, Amsterdã pode ser vista como uma cidade altamente diversificada, tanto no que se refere à sua paisagem de pessoas (*ethnoscape*) quanto à sua paisagem alimentar. Nos últimos anos, refletindo a dinâmica da globalização atual, ambos os fluxos (pessoas e comidas) intensificaram-se.

deslocações, por meio da relação entre cinco planos ou dimensões de fluxos culturais globais: Paisagem étnica (*ethnoscapes*), Paisagem tecnológica (*technoscapes*), Paisagem financeira (*financialscapes*), Paisagens midiáticas (*mediascapes*), Paisagens ideológicas (*ideascape*s).

¹⁶ Hoje, a comunicação relativa à comida vem sendo amplamente estimulada através das paisagens midiáticas em âmbito global. Nessas paisagens, a comida se transformou em um fenômeno de comunicação visual. No Brasil, por exemplo, é possível identificar o crescente número de páginas nos cadernos de gastronomia dos diferentes jornais, assim como o lançamento de variados livros e revistas especializados no assunto. Em âmbito mais amplo, destaca-se a efervescência de programas de culinária nos mais variados formatos. O Master Chef é um caso ilustrativo. Criado no Reino Unido em 1990 e relançado no ano de 2005, esse programa de televisão tornou-se um fenômeno global. Além do Brasil, onde chegou à quarta edição em 2017, e de outros países da América do Sul, o programa ainda ganhou versões em outros 40 países, incluindo a América do Norte, Europa, Oceania, Ásia e África. Já na internet, de maneira similar ao que ocorre nas mídias convencionais, não é difícil constatar a difusão ampla de receitas, imagens, textos ou vídeos relativos à comida em sites especializados no tema e também em publicações pessoais: *blogs*, *YouTube* e outras redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*.

Tomando como ponto de partida o bairro *Osdorp-Midden*, representativo da diversidade migratória em Amsterdã, é possível ter uma ideia inicial de como se configura a paisagem alimentar de Amsterdã¹⁷. Entre suas múltiplas possibilidades de provimento no campo alimentar, incluindo atender à parcela de suas populações imigrantes, estão os mercados turcos, padaria marroquina, açougues holandês e muçulmano, mercados surinameses, mercearias asiáticas, supermercados e também a presença de uma filial do *Hema*, cadeia de lojas das mais tradicionais da Holanda que igualmente oferta itens alimentares. Ainda compõem aquela área da cidade restaurantes com culinárias de outros países, além da Holanda, entre os quais, Suriname, China, Turquia e Líbano. Além disso, entre outros comércios diversos, sorveterias, confeitarias e cafeterias contribuem para diversificar a oferta alimentar do bairro.

Em anos mais recentes, mais particularmente na última década, houve algumas modificações mais expressivas nas ofertas alimentares desse bairro. Redes transnacionais alimentares, como McDonald's, Subway e KFC (Kentucky Fried Chicken), somente em período bastante recente chegaram a essa região da cidade. A abertura dessas redes coincidiu com outras mudanças na dinâmica urbana de Amsterdã. Tais mudanças também podem ser associadas à conjuntura vigente de intensificação de fluxos em âmbito global e que se refletem de maneira muito significativa na cidade em sentido mais amplo, como a potencialização da sua *ethnoscape* (APPADURAI, 1990), a presença de demais cadeias alimentares e empresas transnacionais e fluxos culturais de outra natureza.

É possível afirmar que o universo de ofertas presente nesse bairro reproduz em uma escala menor a paisagem alimentar da cidade. Tanto ali como em outras áreas da cidade, grandes redes de supermercados disputam consumidores com os pequenos mercados e mercearias étnicos, ao incrementarem suas gôndolas com produtos voltados para atender à diversificada demanda migratória. A ênfase recai sobre ingredientes e condimentos relacionados a culinárias dos grupos de imigrantes mais numerosos na cidade (turcos, marroquinos, indonésios e surinameses). Mas esses supermercados também ofertam itens para o preparo das culinárias chinesa, mexicana, japonesa, indiana, italiana, vietnamita, brasileira, entre outras possibilidades. A variedade de itens inclui desde algas, *tortillas* a

¹⁷ A escolha deste bairro como ponto de partida deve-se ao fato de ter sido a referência inicial para o desenvolvimento da pesquisa em questão.

condimentos, molhos indianos, massas italianas, cereais andinos, azeites de oliva importados de Portugal, Grécia, Espanha, Líbano, entre uma série de outros produtos. Percorrendo os corredores dos principais supermercados da cidade, é possível observar ainda como os fluxos em torno da comida são constituídos de produtos que vão muito além dos industrializados¹⁸. No *Jumbo*, por exemplo, uma das redes de supermercados mais populares na cidade, se pode optar entre itens similares, mas de diferentes proveniências, como bananas importadas da Colômbia, Costa Rica ou Panamá. Afora essas grandes redes de comércio, nos mercados turcos ou nas feiras de rua, pode-se encontrar desde mangas, abacates, abacaxi, kiwi, entre outras variedades de frutas cultivadas, sobretudo em países de clima tropical, a legumes e verduras de origens diversas.

Em paralelo, os mercados asiáticos, conhecidos na cidade como *tocos*, são também uma alternativa bastante popular para a atender à demanda de muitos alimentos utilizados não somente por imigrantes asiáticos, mas também por sul-americanos ou africanos. Além de especiarias asiáticas, é possível encontrar variedades de carne, mandioca, bacalhau, assim como cereais e temperos distintos.

A paisagem alimentar de Amsterdã também contempla algumas comunidades de imigrantes nem tão representativas no país, tais como a de brasileiros. Comércio como *Finalmente Brasil* ou *Casa Brasil Portugal*, situados na *Kinkerstraat* (rua que concentra grande parte de comércios relativos a comidas étnicas na cidade), oferecem um sortimento de produtos. Lá, brasileiros/as encontram erva para preparo de chimarrão ou para tererê, cafés, farinha de mandioca, polvilho, polpas de frutas, sucos, carnes a vácuo para feijoada e diversos outros itens importados do Brasil. Os produtos são ainda disponibilizados via comércio eletrônico, tornando possível o seu acesso em demais cidades do país e mesmo da Europa.

Para vários imigrantes entrevistados nessa capital, incorporar a diversidade na vida cotidiana, isto é, adotar hábitos culturais alheios em outro país é visto como desafio positivo, uma possibilidade de novas experiências ou aprendizados, e a comida é concebida como fator-chave nesse sentido. Levando em conta o ponto de vista desses indivíduos, expectativas relacionadas a experiências culturais são centrais para entender como os referidos fluxos ecoam nas suas práticas alimentares e também na

¹⁸ As principais redes de supermercado na cidade são Dirk, Lidl, Jumbo e Albert Heijn, sendo que as duas primeiras são consideradas as mais acessíveis no quesito preço.

construção de imaginários urbanos relativos à constituição de seus estilos de vida nesse contexto.

A comida também aparece refletida em imaginários relativos ao movimento migratório, conforme se pode observar através de alguns exemplos. Para Martina (27 anos)¹⁹, imigrante da Argentina e há dez meses em Amsterdã, sua motivação para emigrar deveu-se ao fato de estar "obcecada" e "fascinada" pelo mundo em geral, o que, em suas palavras, não significa descontentamento com o país natal, e sim "a necessidade de aprender coisas novas" e "ter algum estímulo constante". Considerando isso, resume sua motivação para emigrar ao que pondera ser central nesse sentido: "Necessito ver outras culturas, comer outras comidas, falar outro idioma, conhecer outra gente".

O relato de Antônia (31 anos), italiana que morou por dez anos na China antes de emigrar para Amsterdã, também ressalta a dimensão cultural relativa ao movimento migratório e as expectativas fomentadas nessa direção:

Eu quero descobrir mais, eu não quero voltar para o lugar de onde vim, ninguém quer voltar para trás, a gente quer ir mais longe, não fisicamente, mas em termos de experiência [...]. Eu gosto de estar com pessoas de diferentes países, falar inglês e isso é um pouco difícil na Itália [...]. Eu quero comprar alguma comida de outro país e, dependendo de onde você mora na Itália, não é algo muito fácil.

Nesse relato, a comida também é imaginada como algo equiparável em relevância ao domínio de um novo idioma, ou seja, como um meio de se interagir com um novo contexto e, acima de tudo, como possibilidade de se situar no mundo a partir da incorporação de uma experiência nesse domínio. Contudo, ainda que por diferentes razões a apropriação da paisagem alimentar de Amsterdã esteja voltada sobretudo para perpetuar hábitos relacionados aos países de origem desses imigrantes e o consumo de itens associados a outras culturas alimentares se restrinja muitas vezes apenas a um plano imaginário, a sua diversidade vai ao encontro das já mencionadas expectativas nutridas com relação à imigração e ao que essa pode representar também em termos de acúmulo de capital cult.

Um exemplo de como a ampla gama de produtos associados às diferentes

¹⁹ Os nomes foram trocados com o intuito de preservar a identidade das/os interlocutores.

culturas culinárias contribui para a constituição de certos imaginários urbanos nutridos por sujeitos desterritorializados é o argumento da imigrante vinda da Itália (referida anteriormente), ao relatar sobre o quanto escassa concebia a diversidade de produtos alimentares onde habitava, na região da Sicília:

Eu me sinto feliz de ter escolhas; quando você mora em uma cidade onde você pode comprar frutas que vêm do Marrocos, da Índia, da Indonésia, isso quer dizer que esta cidade está aprovendo essas pessoas também. Quer dizer que você está morando em uma cidade multicultural e eu gosto disso.

Mas alguns dos imaginários associados a Amsterdã poderiam ser igualmente associados a Sidney, Nova Iorque, Londres, Buenos Aires, Bangkok, São Paulo ou demais cidades consideradas multiculturais e cosmopolitas, sobretudo em decorrência da grande concentração de imigrantes de variadas origens. As narrativas seguintes talvez contribuam de maneira mais eficaz para ilustrar especificidades da capital holandesa e, conseqüentemente, imaginários urbanos peculiares desse contexto:

Parece-me que Amsterdã é muito privilegiada porque é uma cidade pequena, não é uma metrópole [...]. Tens tudo em Londres, tens tudo em Paris, tens tudo em Nova Iorque, mas são cidades muito grandes, necessitas de um dia para ir de ponta a ponta. Em Amsterdã, ao contrário, em quinze minutos podes estar onde quiseres na cidade e, no centro, consegues tudo o que queres; em uma quadra encontras coisas de mais de cem países, de diversas culturas e todas perto umas das outras [...]. Amsterdã em si é uma bolha com todos os tipos de culturas muito próximas umas das outras. Então, o turco está muito perto do marroquino, do ganês, do judeu [...] somos todos vizinhos. Há o que te repara a roupa, o outro tem um bar, o outro tem a mercearia. Há o supermercadinho do turco, do marroquino, do libanês, o do que te vende os temperos. Já o que te veste vem do Brasil e o que te faz as unhas vem da Tailândia. Isso faz com que encontres tudo. Se queres comer comida tailandesa hoje, por exemplo, e não queres ir a um restaurante tailandês, vais conseguir os ingredientes na esquina da tua casa (*Marisa, imigrante da Venezuela, 45 anos, há 25 anos em Amsterdã*).

Eu considero Amsterdã um lugar mais rico, reúne vários tipos de comida, é um lugar mais acessível. Em Nova Iorque, para

encontrar produtos ou comidas étnicas, você tem que ir a diferentes áreas étnicas. Em Amsterdã, está tudo misturado. Esta é uma das razões pelas quais eu gosto de viver aqui. Não é separado, não é segregado. Tudo está misturado. O povo pobre mora junto com o povo rico. Você não sabe se esta é uma casa social ou não. E você olha para o supermercado está tudo misturado também (*Liz, imigrante da Jamaica, 54 anos, há 16 anos em Amsterdã*).

Nesses relatos, se algumas particularidades enaltecem Amsterdã com relação a demais capitais de paisagem progressivamente globalizada, dando vazão à constituição de certos imaginários, é importante lembrar que a crescente busca de comidas associadas a culinárias de outros países, além de não ganhar expressão apenas nesse centro urbano, remonta a períodos bem anteriores. Notando não ser novidade o fato de muitas pessoas consumirem comidas estrangeiras, seja porque consideram algo excitante, interessante, exótico ou sedutor, Wilk (2010) ainda observa que, por centenas de anos, familiaridade e conforto com essa modalidade de comida têm constituído parte do repertório de sofisticação em muitas civilizações, sendo um dos aspectos essenciais através dos quais se distingue o “educado”, “experiente” (grifos nossos) e seu capital cultural.

Nessa ótica, portanto, a comida é considerada um elemento simbolicamente valorizado em termos de distinção social, e o gosto não é uma escolha idiossincrática, mas algo ligado à detenção de capitais econômico, social e cultural (BOURDIEU, 2003). Nesses termos, é possível também afirmar que, se a *neofobia* pode representar um dos aspectos desafiadores de se lidar com a comida em condição migratória, na conjuntura atual, em que a *neofilia* tem sido bastante estimulada sobretudo através das mídias comunicativas (*mediascape*), a constituição de imaginários cosmopolitas em torno da comida é cada vez mais favorecida²⁰.

No caso de Amsterdã, a proliferação de tais imaginários é fomentada a partir de diferentes contextos. A principal rede de supermercados holandesa, *Albert Heijn*, é um exemplo em tal sentido; na sua revista semanal impressa, em páginas do seu site e também através de mala direta via internet, publica várias receitas promovendo produtos relacionados às mais diversas culinárias. Esse exemplo também evidencia o quanto a cozinha, em sua condição de negócio, mobiliza uma força econômica relevante. Em

²⁰ A *neofobia* é concebida como medo de experimentar comidas novas; já a *neofilia* se define como o desejo pelo novo (FISCHLER, 1995).

tal medida, promover a *neofilia*, enquanto desejo de experimentar novas sensações de gosto através de uma variedade de cozinhas, tem sido um meio de se ampliar um público consumidor, através do incremento da indústria *foodie* e de seus componentes (mercados para ingredientes, aulas de culinária, publicações, turismo alimentar, etc.) (WILK, 2010).

Como chamam a atenção Çinar e Bender (2007), na vida cotidiana, a imaginação coletiva opera através de um vasto campo de experiência coletiva envolvendo viagens, interações e práticas comunicativas de pessoas dentro de uma cidade, experiências que funcionam para tecer uma sensação de conexão no espaço e, por sua vez, para imaginar a cidade como um único lugar. Nessa mesma linha de pensamento, Appadurai (1990) observa que o *mediascape* (paisagens midiáticas) é um desencadeador da produção de imaginários e de comunidades imaginadas por indivíduos desterritorializados ao redor do mundo.

No âmbito dos fluxos relacionados à alimentação, além das mídias convencionais e de seu papel na difusão de determinados imaginários relacionados à comida, e no que diz respeito a alguns imigrantes em Amsterdã, o compartilhamento de imagens e textos relacionados a esse tema, em especial através das redes sociais, além de evidenciar que o consumo visual da comida, em certas situações, passa a ter mais relevância que a tomada alimentar (RIAL, 1992), pode ser concebido como um meio pelo qual esses indivíduos também vêm fundando e dando visibilidade aos seus imaginários cosmopolitas nessa cidade. Isso inclui comer novas comidas, frequentar restaurantes relacionados a outras culturas alimentares, adotar hábitos referentes a outros contextos culturais além do holandês, conviver com indivíduos de nacionalidades distintas e, conseqüentemente, com hábitos alimentares variados.

O mundo de hoje é, inegavelmente, cada vez mais cosmopolita; assim como gostos e cozinhas a serem consumidas são mais abrangentes, cresce o número de pessoas atentas a notícias provenientes do mundo todo e eventos globais cobertos pela mídia ou então influenciadas por outras tendências universais (APPADURAI; BRECKENRIDGE, 1988)²¹. Levando isso em conta, é possível afirmar que cidades como Amsterdã, caracterizadas por um caráter fortemente global, transnacional e multiétnico, favorecem ou mesmo potencializam determinados cosmopolitismos através do consumo

²¹ Seguindo mesma linha de pensamento, Appiah (2006) observa que, mesmo enraizados em locais específicos, indivíduos estão interagindo com o mundo cosmopolita da migração, nomadismo e diáspora.

alimentar, o que também repercute na constituição de seus imaginários urbanos.

Há diferentes abordagens sobre cosmopolitismo. Vertovec (2002) defende compreendermos tal concepção como algo de viés múltiplo e não restrito somente a indivíduos de classe alta e da cultura ocidental, mas também àqueles *outros*, cujas vozes desempenham um papel na produção de espaços cosmopolitas²². Ao nos concentrarmos no eixo comida/cosmopolitismos, também são profícuas as considerações de Johnston, Baumann e Cairns (2010), quando notam que, de modo similar ao nacionalismo, cosmopolitismo pode ser entendido não apenas como uma política filosófica abstrata, mas como construção social formada pela banalidade dos atos e interações diários, incluindo o cozinhar e o comer.

Já para Hannerz (1990), cosmopolitismo está ligado a um estado de espírito, uma orientação que implica vontade de interagir com o outro, um querer mergulhar em outras culturas ou mesmo ser livre para fazê-lo. Entretanto, ao enfocarmos na ideia de um cosmopolitismo alimentar, é certo que comer a comida alheia não significa necessariamente empatia, tolerância ou envolvimento com o *outro*. Um exemplo disso é o atual crescimento do consumo de comida *Halal* em todo o mundo, mais expressivamente em países da Europa e Estados Unidos, sem haver uma correlação com o aumento da população muçulmana e ocorrendo simultaneamente com a expansão da *islamofobia* nesses mesmos países²³. Como chama a atenção Wilk (2010), até em contextos multiétnicos, há certos limites em termos do que os indivíduos estão dispostos a tolerar, e isso fica mais óbvio quando atentamos para as inúmeras e crescentes reações à globalização expressas com xenofobia, rejeição, busca de pureza e autenticidade. Tal ponto de vista também evidencia que consumidores de produtos culturais estrangeiros não necessariamente internalizam os valores, ideologias ou estilos de

²² Segundo Vertovec e Cohen (2002), teses de que o cosmopolitismo estaria disponível apenas para uma elite ou por quem tem recursos necessários para viajar, aprender outras línguas e absorver outras culturas repercutem em ataques frequentes a este conceito. Ainda que não discorde totalmente de argumentos nesse sentido, sobretudo no que diz respeito a uma grande maioria para quem o cosmopolitismo nunca foi uma opção, Vertovec e Cohen (2002) reportam ao pensamento de Poole (1999), a fim de ressaltar que, no mundo contemporâneo, as diversidades cultural e linguística têm sido onipresentes e a capacidade de se comunicar e entender culturas alheias está disponível, pelo menos potencialmente, para muitos.

²³ Na comida *Halal*, os alimentos são preparados segundo preceitos do Islamismo, o que envolve diversas regras relativas ao consumo da carne como também de vegetais e cereais. Os preceitos incluem a forma de abate e alimentação do animal, formas de cultivo dos vegetais e cereais ou mesmo de embalar os produtos.

vida supostamente contidos nesses produtos (INDA; ROSALDO, 2002). Na mesma perspectiva, mesmo que alimentos sejam vendidos em escala global, esses são sempre filtrados por códigos simbólicos de determinados mercados culturais nacionais (WARDE, 2010). Portanto, tomando ainda como exemplo a comida *Halal*, isso significa que, em diversos países e para muitos indivíduos, em vez de ter seu consumo atrelado a determinados preceitos, essa tem sido concebida apenas como mais uma opção de comida rápida e preço acessível.

A partir dessas considerações, é possível depreender que a comida atua como um desencadeador de imaginários urbanos, sobretudo ao observarmos a conjuntura atual marcada por uma significativa intensificação de fluxos diversos. Em tal perspectiva, noções de cosmopolitismo são centrais para compreender como se vem articulando a relação entre a comida e imaginários urbanos entre imigrantes, em especial, para aqueles cujas experiências de natureza cultural são impulsionadoras de sua mobilidade, como é o caso de muitos em Amsterdã.

3. Considerações finais

No panorama atual, quando se intensificam os processos relacionados à globalização, as heterogeneidades que atravessam os movimentos migratórios vêm sistematicamente impondo novas questões para se refletir sobre esses fenômenos, dentre as quais se exaltam aquelas relativas aos imaginários urbanos. De modo igual, as práticas que acompanham ou se desenvolvem ao longo desses movimentos são delineadas pelo contexto migratório, no qual se inscrevem. Assim como emigrar não se restringe a um deslocamento no espaço físico, a comida cada vez menos se resume ao ato alimentar, abrangendo visões de mundo, concepções de estilo de vida, possibilidades de comunicação e interconexão, e também imaginários urbanos.

Ao traçarmos como os processos vinculados ao período atual da globalização vêm ganhando expressão e demarcando práticas relacionadas à alimentação de imigrantes transnacionais em uma *cidade global* - no caso, Amsterdã -, o enfoque nos imaginários associados a essa cidade foram fundamentais para compreender o que vêm perfazendo esses deslocamentos, como indivíduos desterritorializados se relacionam com esse contexto urbano e com suas práticas cotidianas, destacando-se as alimentares.

Para imigrantes em Amsterdã, em cujo deslocamento aspectos culturais ganham realce, o cosmopolitismo, visto sobretudo a partir de uma dinâmica de diversidade cultural, torna-se um conceito fundamental para compreender como vêm se constituindo determinados imaginários urbanos associados a Amsterdã e, conseqüentemente, na configuração de imaginários relativos à comida. Mesmo diante das progressivas mudanças nesse centro urbano, exigindo muitas vezes que esses indivíduos reformulem seus estilos de vida, imaginários urbanos, sobretudo aqueles associados a cosmopolitismos, em certa medida, seguem dando ancoragem aos seus projetos de vida em uma cidade global.

Referências

- APPADURAI, Arjun; BRECKENRIDGE, Carol. (1988). Why Public Culture? *Public Culture*, v. 1, n. 1, p. 5-9. Durhan, USA.
- APPADURAI, Arjun. (1990). Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press. p. 324- 339.
- APPIAH, Kwane A. (2006). *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. New York: W. W. Norton & Co.
- BOURDIEU, Pierre. (2003). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- CANCLINI, Néstor García. (2010). *Imaginários Urbanos*. 4 ed. Buenos Aires: Eudeba.
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. (1993). *The age of migration: international population movements in the modern world*. Londres/Nova York: MacMillan Press.
- ÇINAR, Alev; BENDER, Thomas. (2007). Introduction. The City: Experience, Imagination, and Place. In: ÇINAR, Alev; BENDER, Thomas (eds.). *Urban imaginaries: locating the modern city*. Minneapolis/ London: University of Minnesota Press.
- FISCHLER, Claude. (1995). *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama.
- HANNERZ, Ulf. (1990). *Transnational Connections. Culture, People and Places*. Londres: Sage.
- INDA, Jonathan; ROSALDO, Renato. (2002). Introduction. In: INDA, Jonathan; ROSALDO, Renato (eds.). *The Anthropology of Globalization: A Reader*. Malden: MA-Oxford, Blackwell. p. 1-36.
- JONSTON, Josée; BAUMANN, Shyon; CAIRNS, Kate. (2010). The Nacional and the cosmopolitan in cuisine: Constructing America through Gourmet Food writing. In: IGLIS, David, GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg. p. 161-185.
- LINDNER, Christoph; MEISSNER, Miriam. (2019). Urban imaginaries in theory and practice. In: LINDNER, Christoph; MEISSNER, Miriam (Eds.). *The Routledge Companion to Urban Imaginaries*. Abingdon, Oxon: New York, NY: Routledge.
- LINDÓN, Alicia. (2007). Diálogo con Néstor García Canclini ¿Qué son los imaginarios y cómo actúan en la ciudad? Entrevista realizada por Alicia Lindón, 23 de febrero de 2007, Ciudad de

- México. *Revista eure*. v. XXXIII, n. 99, p. 89-99, Santiago de Chile.
- NELL, Liza; RATH, Jan.
(2009). Introduction. In: NELL, Liza; RATH, Jan (eds.). *Ethnic Amsterdam: Immigrants and Urban Change in the Twentieth Century*. Amsterdam: Amsterdam University Press. p. 11-22.
- PRICE, Marie; BENTON-SHORT, Lisa.
(2008). Urban immigrant gateways in a globalizing world. In: PRICE, Marie; BENTON-SHORT, Lisa (eds.). *Migrants to the metropolis: the rise of immigrant gateway cities*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press. p. 23-50.
- RIAL, Carmen.
(1992). *Ça se passe comme ça chez les fast-food: étude anthropologique de la restauration rapide*. (Tese de doutorado apresentada à Université de Paris V – Sorbonne).
- ROCHA, Carla Pires Vieira da.
(2017). *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*. (Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Florianópolis). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178589>>
- SASSEN, Saskia.
(1998). *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel.
- SASSEN, Saskia.
(2010). *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed.
- VAILATI, Alex; RIAL, Carmen.
(2016). Introduction. In: VAILATI, Alex; RIAL, Carmen (orgs.). *Migration of rich immigrants: gender, ethnicity and class*. London: Palgrave MacMillan. p. 1-11.
- VELHO, Gilberto.
(2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin.
(2002). Introduction: Conceiving Cosmopolitanism. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin (eds). *Conceiving cosmopolitanism: theory, context and practice*. Oxford: Oxford University Press. p. 1-22.
- WARDE, Alan.
(2010). Globalization and the Challenge of Variety: A Comparison of Eating in Britain and France. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg. p. 227-242.
- WILK, Richard.
(2010). Difference on the menu: neophilia, neophobia and globalization. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010. p. 185-196.

Recebido em

março de 2018

Aprovado em

março de 2019